

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP**

**Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**

**Aluno: Rodolfo Paes Vicentini**

**Grupo: Poesias e outras artes**

## Augusto dos Anjos e o morcego das sensações

Augusto dos Anjos bebeu diretamente das palavras de Baudelaire, poeta francês que carrega o peso de ser o maior nome do simbolismo na literatura. Baudelaire usou da sinestesia, o recurso de remeter a diferentes sensações, para construir críticas e pessimismo sobre a sociedade do século XIX.

Vejamos a seguir uma definição do termo:

Atualmente, a sinestesia é descrita de maneira geral em trabalhos científicos como a experiência, reportada por algumas pessoas, na qual estímulos específicos provocam automaticamente percepções atípicas. Ouvir música, ler um texto ou saborear um alimento não estimulam na população geral, por exemplo, repostas como a percepção de cores, formas, ou sensações de volume, o que pode acontecer no caso de sinestetas (BERGATINI, p. 19, 2016)

Podemos ver a influência da sinestesia na obra do poeta paraibano em *O Morcego*, uma homenagem ao clássico *O Corvo*, de Edgar Allan Poe. Na versão brasileira, a ave não fala, mas transmite o mesmo medo e sensação mórbida que apavora o eu lírico.

Vejamos a seguir:

### O MORCEGO

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.

Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:

Na bruta ardência orgânica da sede,

Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”

— Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho  
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,  
Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego  
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.  
Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!  
Por mais que a gente faça, à noite, ele entra  
Imperceptivelmente em nosso quarto!

(ANJOS, 1912, p. 7)

O poema começa com uma enunciação de horário e espaço. É meia-noite quando o eu lírico entra no seu quarto para se recolher. Aqui há uma cena proposta pelo narrador, na qual já podemos deduzir alguns aspectos, começando pelo horário.

Estamos falando de uma hora marcante na cultura popular. É meia-noite, não é meio-dia ou de manhãzinha para observar o nascer do sol. Há um invólucro aterrorizante que o locutor introduz com apenas o horário descrito de quando a ação acontece, uma sensação angustiante que versa com a experiência visual de tensão.

A imagem do sangue jorrando é a mais forte do soneto inteiro. O escaldante molho que sai da goela do eu lírico é uma visão assustadora que apresenta o clima da obra. Quem adentra o quarto não é um pássaro bondoso, mas sim um morcego que busca a violência.

É importante a palavra “ígneo” usada no poema, que remete ao fogo. Em vez de simplesmente descrever a cor vermelho, o paraibano vai por outro caminho e traz uma imagem que desperta sensação ruim, do sangue da personagem caindo após um ataque, como uma lava condensada de um vulcão em erupção.

No mesmo trecho temos a aliteração sonora da letra “g” (“orgânica”, “goela”, “ígneo”), que transmite uma sensação de um som gutural, contribuindo ainda

mais com a viscosidade e a selvageria da cena. Aqui chegamos à noção de imagem, analisada pelo crítico Octávio Paz e que é importantíssima para o poema como um todo.

Convém advertir, pois, que designamos com a palavra imagem toda forma verbal, frase ou conjunto de frases que o poeta diz e que unidas compõem um poema. Estas expressões verbais foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogos de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas etc. (PAZ, 1971, pp. 37-38)

A partir daí o eu lírico é dono da ação. Ele levanta da cama e fecha a janela para deter o invasor. Porém, não é suficiente. O animal que o violentou segue no quarto, mais uma cena que poderia ser transferida facilmente para o cinema ou o teatro.

O leitor aqui acompanha o desespero da personagem como em um filme, em uma sequência de ações. Uma vez que a câmera mostre o personagem fechando a janela rapidamente, ela volta a focar no teto. “E vejo-o ainda, igual a um olho, circularmente sobre a minha rede!”.

O narrador, ao perceber que a ameaça segue junto a ele, pega uma arma e tenta acertar o mamífero até que chega a um incipiente momento de reflexão dentro do microcosmos no qual ele está inserido: “que ventre produziu tão feio parto?”.

É importante mencionar que a bibliografia de Augusto dos Anjos é calcada no cientificismo, ou seja, sobre o poder da ciência em relação às demais. No caso do poeta brasileiro, ele insere a crença em situações mundanas, citando animais, vermes e a decomposição para se conhecer o mundo.

Voltando ao soneto, o último terceto apaga a cena anterior para que o narrador crie uma reflexão sobre a psique humana. O morcego, vilão do poema, é definido como a consciência humana. Não há remédio para isso, não há ação que o destrua.

Essa relação entre a ave sinistra e a consciência humana caminha para uma utilização atípica de sinestesia que é visto na literatura, uma vez que o fascínio pela morte se relaciona a imagens mórbidas que transmitem uma sensação desconfortável para o leitor.

## Considerações finais

Os recursos sinestésicos utilizado por Augusto dos Anjos no poema *O Morcego* são marcantes. É evidente que o poeta paraibano soube demonstrar sensações e imagens, porém se deslocando da maioria dos literários que também fizeram uso da sinestesia.

A sinestesia por si só é um exagero, um transbordamento de sensações que procura criar uma sensação única para o leitor. Porém, a maioria dos autores que fizeram uso do recurso não caminhou para um caminho do horror, de sensações ruins.

O que distingue o simbolismo do fim do século XIX da hermenêutica do Renascimento (de que Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, fez o limiar da história ocidental do signo) é precisamente o fato de se tratar somente de fazer ressoar os signos, e não de interpretar as interpretações. Onde ao mesmo tempo as filiações e os mal-entendidos... Ora, Mallarmé (1945.366) chama de “estrutura” essa relação interna das formas umas com as outras, cuja finalidade é dissolvê-las em um efeito qualitativo e pela qual elas remetem assim, juntas, a um mundo que oferece em si mesmo todo um jogo de ecos... Depondo, por sua vez, a onipotência expressiva do sujeito, que se torna antes lugar de amplificação do signo que fonte ou origem, o estruturalismo terá sido, sob muitos aspectos, uma homenagem tardia ao simbolismo. (MANIGLIER, 2006, p. 262)

A ampliação de até onde pode chegar um poema, essa qualidade sensorial que escorre sobre a outra, visava normalmente uma abordagem mais neutra – no sentido da temática, não de pensar o poema como um todo.

Augusto dos Anjos, por outro lado, é macabro, criando imagens aterrorizantes e medo. A temática da obra do poeta foi calcada no cientificismo e na angústia do ser humano, sendo difícil classificá-lo até em um estilo literário, passeando principalmente pelo simbolismo e o pré-modernismo.

O poeta é uma força dentro da literatura brasileira. Uma força pelos seus poemas, pelos temas mórbidos que afastam o leitor tradicional dos sonetos clássicos, pelo léxico poderoso recheado de aliterações incômodas e visões de mundo que são de difíceis análises.

## Bibliografia

- . ANJOS, Augusto. **Eu**. Rio de Janeiro, 1912. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn00054a.pdf>. Acesso em 25 de junho de 2022.
- . BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em [https://www.academia.edu/42282992/As Flores do Mal Charles Baudelaire](https://www.academia.edu/42282992/As_Flores_do_Mal_Charles_Baudelaire). Acesso em 28 de outubro de 2022.
- . BERGATINI, Loren P. **Sinestesia nas artes: relações entre ciência, arte e tecnologia**. 2019, p. 227 <disponível em <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/151267/153222>> . Acesso em 25 de outubro de 2022.
- . FIGUEIREDO, José Maria Pinto. **A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos**. Amazonas, 2012 <disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2369/1/Jose%20Maria.pdf>>
- . MANIGLIER, Patrice. **A filosofia simbolista**. In: La Vie Énigmatique de Signes, Léo Scherer, 2006, p. 262-270.
- . PAZ, Octavio. **Poesia e Poema**. Rio de Janeiro, 1971.